



PRÓLOGO

Kade

Há seis anos

Odeio pessoas.
Odeio, sobretudo, festas.

Pode até ser o meu décimo quinto aniversário, mas isso não significa que tencione participar na celebração, como a minha irmã gémea insiste. Nunca gostei de ser o centro das atenções nem de estar em grupos.

A mãe sugeriu que podíamos fazer uma festa conjunta, como acontece há anos. Mas que se lixe, odeio isso. E se tiver de ouvir de novo a música *Single Ladies*, perco a cabeça.

A maioria dos convidados ainda tem catorze anos e está obcecada por personagens de *anime*.

Refugiei-me no meu quarto, como sempre.

Tenho de trancar a porta, porque não quero que nenhum deles conte à minha mãe que estou a fumar na varanda. Na semana passada, o Ewan, o meu padrasto, apanhou-me a fumar no anexo da piscina e avisou-me de que, se repetisse a façanha, contaria à minha mãe. E ela é assustadora quando grita.

Gosto da minha privacidade, do meu espaço, onde ninguém me incomoda, por isso deixo a chave enfiada na fechadura, o trinco corrido e ainda encosto uma cadeira à porta para que não haja qualquer hipótese de alguém perturbar a minha paz.

Prefiro encher os pulmões de fumo.

Para ser sincero, fico estranho. As pessoas podem adorar ser o centro das atenções quando entram numa sala, mas eu não. Prefiro passar despercebido. E que ninguém saiba quem sou, nem a minha história familiar, nem que façam de tudo para falar comigo.

Eles não querem conhecer-me.

Vivendo numa das maiores mansões do Oeste da Escócia, era de esperar que tivessem dificuldade em encontrar o meu quarto, a minha ala, mas, infelizmente, encontraram; e se mais alguém bater a esta porta, apago-lhe um cigarro no olho.

Devia ir para a festa antes que a minha mãe ou o Ewan apareçam e me chateiem, mas não consigo sair da varanda.

Estou distraído.

Ela não faz ideia de que estou a observá-la.

Longe dos outros e da festa, vejo uma rapariga de cabelos compridos e escuros, com um vestido preto, sentada à beira da piscina com os pés mergulhados na água.

Fico intrigado, por isso, mantenho os olhos fixos nela.

Gosto de observar as pessoas à distância. Estudo a forma como agem, as suas expressões faciais e a linguagem corporal que adotam em determinadas situações, bem como o timbre da voz. Deixo-as desconfortáveis de propósito, só para ver as suas reações. Os meus professores queixam-se sempre disso aos meus pais.

A minha mãe diz-me que pare com isso, mas é uma ótima maneira de passar o tempo e de tentar compreender coisas que não me são naturais.

Inclino a cabeça para o lado e olho para a rapariga com um intenso fascínio.

Porque não está na festa? E quem raio é ela?

Nunca a tinha visto.

Não consigo, nem quero, parar de olhar para ela, que parece incapaz de desviar o olhar enquanto contempla o céu estrelado. Deve estar com frio, decerto. Setembro é simplesmente gelado.

Talvez devesse ir buscar o meu casaco e...

O quê? Não sejas parvo, Kade.

Apago o cigarro e atiro-o para o cinzeiro escondido sob a saliência da varanda, mantendo os olhos na rapariga misteriosa enquanto calço os ténis.

A minha mãe virá buscar-me a qualquer momento para cortar o bolo de aniversário. Abano a mão a fim de afastar o cheiro a tabaco do quarto e disfarço-o com ambientador.

O meu telemóvel vibra no bolso e tiro-o enquanto escovo os dentes. Aparece a conversa em grupo que tenho com os meus dois melhores amigos. O Dez demonstra-se chateado por não estar presente. O Base pergunta se quero ir a uma festa a sério e diz algumas palavras em russo que não compreendo.

Antes de poder responder que *sim*, ouço passos.

Os meus ombros descaem. *Lá vamos nós outra vez.*

— Kade! — grita a minha mãe do outro lado da porta.

Reviro os olhos, volto a pôr a escova de dentes no suporte e desligo o ecrã do telemóvel.

— Estás aí?

Empurro a cadeira para o lado e rodo a maçaneta.

— Sim.

Quando abro a porta, deparo-me com a minha mãe a mostrar-me cara de má, de braços cruzados e a bater com o pé no chão. É mais baixa do que eu e tem o cabelo loiro, muito diferente do meu cabelo escuro. Temos os olhos parecidos, azuis e sonolentos, mas os dela fulminam-me enquanto a enfrento com uma expressão entediada.

— Estavas a fumar outra vez? Sinto o cheiro na escada.

— Não — minto, afastando-me dela e descendo a escada de caracol que o meu padraсто Ewan projetou para mim.

— A tua irmã andou à tua procura. Perdeste o cortar do bolo.

Puxo o capuz para cima, aperto os cordões e enfio as mãos nos bolsos, resmungando. A Luciella sempre foi a filha preferida, a favorita, a que não dá problemas à minha mãe nem ao Ewan. Ambos veneram o chão que ela pisa. Compreendo. Não sou como eles. Não sou como a minha irmã gémea.

A Luciella nunca seria apanhada a fumar ou a beber aos treze anos, nem levada para casa pela polícia por ter esmurrado um agente.

Ele mereceu.

Tenho a certeza de que todos me veem como o miúdo problemático. Aquele que a família teme quando se reúne. Importava-me e tentava integrar-me, mas agora prefiro a minha própria companhia. Sou o solitário. Eles mantêm-se à distância, e eu também.

A minha mãe tenta, provavelmente até demais.

Pensa que não a ouvi quando chorou ao telefone com o meu pai por causa das minhas «oscilações de humor», implorando-lhe que a ajudasse a lidar com o filho adolescente «insensível». Mas eu não sou um robô desprovido de emoções. Preocupo-me com o Dez, o Base e, quando não está a chatear-me, com a Luciella. Só não vejo utilidade em seguir regras estúpidas ou falar sobre sentimentos que não compreendo.

Não há nada de errado comigo. Até o meu pai me diz que sou especial e que não devo levar a peito a forma como os outros me veem.

Talvez seja a única pessoa no mundo que me compreende. Mas vive a milhares de quilómetros, numa instituição psiquiátrica. Cometeu vários crimes e é considerado demasiado perigoso para viver em liberdade.

É muito significativo para mim o facto de ele se lembrar de sentir o mesmo que eu.

O famoso Tobias Mitchell, o psicopata americano. O assassino insano que dominou todos os canais de notícias do mundo.

É rotulado de implacável e imprevisível. Perigoso. Uma ameaça à vida. No entanto, quando o visitamos na instituição, ele mostra-se um pai carinhoso, interessado em saber tudo o que se passa na nossa vida. Tenta envolver-se o máximo possível e olha para a minha mãe como se ela fosse a única mulher no mundo, cheio de adoração.

Apesar de ter tentado matá-la.

Ele pode ficar com a sua loucura, eu tenho a minha.

O meu padrasto está presente na minha vida desde que nasci e faz o que pode. Leva-me a aulas de boxe na tentativa de criar um vínculo de pai e filho, tal como fez com o meu meio-irmão Jason. Como este já cresceu e tem a sua própria vida, parece que o Ewan passou a dedicar-se a mim.

Acabo de servir um copo de sumo e contorno a mesa.

Algumas amigas da minha irmã riem-se, cochicham e observam-me descaradamente, o que me deixa desconfortável. No entanto, a rapariga misteriosa da piscina não se encontra aqui.

Não que eu esteja à procura dela.

Faço uma retirada rápida, por entre a multidão, e saio para o jardim. O brilho dos holofotes indica o caminho para o anexo da piscina.

No fim do percurso, olho por cima do ombro a fim de garantir que ninguém me seguiu. A ondulação da água reflete-se na porta de vidro do anexo da piscina e encosto-me a ela, tirando um cigarro.

Olho para o lago, onde a lua paira logo acima dos Munro, ao longe. A mansão é cercada por água e florestas verdejantes, o que até se torna relaxante.

Fecho os olhos enquanto a nicotina me queima os pulmões e a liberto numa nuvem de fumo.

O som da água a salpicar faz-me franzir o sobrolho, quase deixando cair o cigarro, quando percebo que a rapariga misteriosa continua aqui. Está apoiada nos cotovelos, relaxando descontraidamente à beira da piscina, a admirar as estrelas no céu.

Não devia sentir uma onda de excitação, mas sinto. O que devo fazer? Falo com ela? Vou-me embora? Escondo-me?

— Quem és tu? — pergunto, dando outra passa enquanto caminho na sua direção.

Ela não reconhece a minha presença, e quero que olhe para mim. Tento de novo.

— Olá? Quem és tu?

Não gosto de ser ignorado, sobretudo por uma pessoa que mais parece um fantasma com sardas por todo o corpo. Normalmente, não tentaria socializar, mas estou muito intrigado.

Pelo perfil, admito que é bonita.

O pensamento atinge-me de súbito, porque nunca considerei ninguém bonito. Presumi que tinha um problema nesse sentido, mas como gosto da aparência dela, talvez não tenha. É difícil observá-la como faço com os outros, mas estou mais do que satisfeito por apenas... olhar para ela.

Irritado com o silêncio, resmungo.

— Devias voltar para dentro. Está muito frio aqui fora, Sardas.

Faço uma careta e dou um murro mental nos tomates.

Sardas? A sério, Kade?

Ela continua em silêncio.

Se me ignorar mais uma vez, atiro-a à água. Abano a cabeça.

Sentado no banco ao lado da prancha, respiro fundo sem saber por que razão continuo a falar. Eu nunca falo.

— Tu não andas na minha escola.

Paraliso quando ela ergue os olhos e, caramba, são de outro mundo. Enquanto se levanta, sacudindo a água das pernas e calçando os sapatos, eu apoio os cotovelos nos joelhos e tusso o resto da fumaça.

Não compreendo. Nem ela. Nem porque está a contornar a piscina na minha direção.

Espera.

Ela vem na minha direção.

Oh, merda! O que está a fazer? *Vai-te embora!*

O ar é lentamente arrancado dos meus pulmões à medida que ela se aproxima. Na verdade, acho que nem sequer respiro.

O cabelo cai-lhe em caracóis pelas costas, sardas salpicam-lhe a pele, e aqueles olhos matam-me. Não são azuis; talvez um verde-claro misturado com prateado, como uma floresta no inverno.

Que raio se passa comigo?

Senta-se ao meu lado, tira-me o cigarro dos lábios e coloca-o entre os seus. O toque dos seus dedos nos meus lábios não me causa desconforto.

Tento não demonstrar o quanto ela me afeta, desviando o olhar, mas por dentro estou eufórico.

Aclaro a garganta enquanto ela fuma o meu cigarro como se fosse seu. Sinto uma brisa e inalo o aroma doce de baunilha; cheira bem.

Viro a cabeça e observo-a a recostar-se, com a ponta do cigarro a brilhar em laranja. Depois, ela sopra uma nuvem de fumo para cima de nós, com os olhos fechados, enquanto o fumo se vai dissipando.

Abre os olhos e agora olha para mim. Fico paralisado a contemplar a sua beleza.

Caramba.

Quando termina, enfia o que resta do cigarro novamente na minha boca. As pontas dos seus dedos tocam nos meus lábios e enviam uma

fáisca para o meu peito; não faço ideia do que isso significa. Atiro a beata para o lado.

— Chamo-me Stacey. — A sua voz é suave, tranquila e reconfortante. Fico ainda mais intrigado. — Freqüento a aula de dança da Luciella há alguns meses.

Não me importava de ver o seu corpo a mover-se, de a observar no seu elemento. Aposto que também dança lindamente.

Para.

Acendo outro cigarro, já que ela acabou o meu, e olho para ela de vez em quando, enquanto permanecemos em silêncio.

Stacey.

Um nome para a rapariga misteriosa.

— Quantos anos tens? — pergunto.

Ela sorri e, caramba, nunca tinha gostado do sorriso de ninguém. Dou por mim a sorrir-lhe levemente.

— Acabei de fazer quinze anos. A mesma idade que tu.

A mesma idade que tu.

Essas palavras fazem-me querer saber mais sobre ela.

O seu sorriso alarga-se, formando-se uma covinha profunda na face. Ela desvia o olhar e prende uma madeixa de cabelo atrás da orelha.

Borboletas, penso.

Será que ela também as sente?

Devo estar doente. Tenho de perguntar à minha mãe o que se passa comigo.

— Pareces americano e escocês — diz ela. — Tal como a Luciella.

Passámos muito tempo nos Estados Unidos a visitar o nosso pai. Era natural que tivéssemos adquirido o sotaque ao longo dos anos. O meu é muito mais forte e profundo.

Ao ouvir chamar pela Stacey, suspiro, sabendo que o nosso encontro está prestes a terminar.

Por mais que adorasse ficar aqui sentado a observá-la, tenho de me ir embora antes que ela pense que sou um maluco a tentar perseguir uma rapariga que nem conheço.

— Só para avisar — começo, atirando o cigarro para a relva assim que vejo a cabeça loira da minha irmã. Estreito os olhos. Mesmo sem

querer dizer as palavras que me saem, a impulsividade vence. — Só porque és amiga da minha irmã não significa que possas falar comigo. Sai-me da frente.

Ao virar-me, ouço uma gargalhada trocista.

— Divertido — responde, e paro, franzindo as sobrancelhas.

Observo-a por cima do ombro. Ela empina o rabo e cruza os braços.

— E giro. Estava prestes a dizer-te o mesmo. Então, porque não te afastas do meu caminho, *Kade*?

Gosto da forma como o meu nome soa na sua boca. Sorrio, adorando esse lado dela.

— Ou então o quê?

Oh, merda! A Sardas é ainda mais bonita zangada.

As borboletas no meu estômago estão a enlouquecer, e não faço ideia de como reprimir este sentimento.

Ela empurra-me com o ombro, e não consigo evitar o sorriso que se forma nos meus lábios enquanto se afasta com a minha irmã.

O seu perfume permanece no ar, o cabelo escuro balança-lhe nas costas, mas continua a olhar em frente, recusando-se a dar-me aquele último olhar que tanto desejo, até que está prestes a desaparecer por entre as árvores e se vira para me mostrar o dedo do meio.

Raios! Porque estou a sorrir?